

AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PEDAGÓGICA: UM CAMINHO PARA A ALFABETIZAÇÃO

Silvana Lemes de Souza*

RESUMO

A afetividade é uma das grandes dimensões apontadas por Wallon que unidas à motricidade e cognição são partes integrantes e indissociáveis do ser humano. Nesse sentido, o presente artigo busca demonstrar que a afetividade na relação pedagógica é um dos principais canais e caminhos para a efetivação da aprendizagem, principalmente quando se trata da alfabetização nas séries iniciais do Ensino Básico. Serão apresentados ao leitor os resultados de um estudo de caso com alunos do 1º Ano das séries iniciais que estudam em uma escola da Rede Pública Estadual de Ensino, que por sua vez estão ingressando no universo da leitura e escrita, bem como serão apresentados ao leitor uma avaliação diagnóstica inicial da situação anterior e a situação atual desses alunos, demonstrando portanto, os resultados de um trabalho onde as relações interpessoais baseadas no afeto são capazes de estimular a aprendizagem da leitura e escrita.

PALAVRAS CHAVE: Afetividade. Alfabetização. Diálogo.

1 Introdução

A afetividade na relação pedagógica é um tema amplamente discutido e estudado nos meios acadêmicos, além de ser um assunto que não se esgota, tem sido utilizado como disciplina em cursos de Pós-Graduação de Mestrado e Doutorado em algumas universidades da capital paulista. Enquanto disciplina, a Afetividade aponta os caminhos para a efetivação da aprendizagem em todas as áreas do conhecimento, principalmente quando o assunto é a alfabetização nas séries iniciais da Educação Básica.

Geralmente quando o assunto ou tema é afetividade, geralmente muitas pessoas tendem a relacionar o sentimento com abraços, carinho ou outras atitudes, esquecendo portanto que a afetividade em uma relação pedagógica vai além do abraço. A Afetividade se manifesta no respeito quanto ao tratamento, no enxergar o outro como uma pessoa e não apenas um número, em ouvir atentamente demonstrando que o outro tem uma importância na relação. No entanto, como definir afetividade? Como conceituar ou explicar a afetividade?

* Professora Alfabetizadora efetiva na EE Prof. Ataliba Júlio de Oliveira – DERITA Itapetininga/SP. Doutoranda em Psicologia Social pela Universidade John F. Kennedy – Buenos Aires. Escritora, poeta e cronista com 3 trabalhos premiados em âmbito Nacional e 1 em âmbito Internacional. Membro Efetivo Imortal da Academia Itapetiningana de Letras, cadeira 32 e Membro Correspondente Imortal da ALUBRA, cadeira 151.

Segundo Mahoney e Ramalho, (2004), o ser humano é composto por três grandes dimensões, são elas, a dimensão cognitiva, a dimensão motora e a dimensão afetiva. Essas três dimensões são inerentes ao homem e se desenvolvem de formas alternadas, destacando-se cada uma delas em uma determinada etapa do desenvolvimento humano.

A dimensão motora, oferece ao homem a possibilidade dos movimentos de diversas partes do seu corpo, sendo a responsável pelo movimento de locomoção. A dimensão cognitiva oferece um conjunto de funções que são responsáveis pelo desenvolvimento do pensamento, da inteligência e conhecimento, ou seja, as funções responsáveis pela aprendizagem.

Finalmente a dimensão afetiva que oferece as funções responsáveis pela emoção, os sentimentos e a paixão. Esses três sentimentos são as formas em que o ser humano reage e se vê afetado pelo mundo externo, demonstrando assim as sensações de bem e de mal estar.

De acordo com Wallon (1987), o homem é em sua essência biológico e socialmente constituído, dessa forma, a cultura e a linguagem tornam-se os meios condutores em fornecer ao pensamento os instrumentos necessários para a sua evolução. Assegura Wallon que o amadurecimento do SNC (Sistema Nervoso Central) ocorre de forma progressiva, no entanto esse fato não assegura o desenvolvimento de habilidades intelectuais. Essa por sua vez, só serão possíveis a partir das interações com a linguagem e o conhecimento.

As condições de aprendizagens oferecidas à criança em conjunto com o seu grau de apropriação irão facilitar a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo da criança,. O desenvolvimento infantil não ocorre de forma isolada ou completamente linear, ele é marcado por momentos de evolução, retrocesso, tumultos e calmarias e em cada um dos estágios do desenvolvimento ocorrerá períodos de predominâncias e alternâncias entre as dimensões afetivas, cognitivas e motoras.

Essas dimensões poderão se alternarem e em determinados momentos e estágios do desenvolvimento se destacarem, principalmente na fase inicial de escolarização da criança. Cada um dos estágios servem de suportes preparatórios para os estágios seguintes,

porém não como uma simples evolução e sim como reformulações preparatórias à evolução e crescimento num processo contínuo de aprendizagem.

Segundo Wallon (1987), Gordon (2005) e Rogers (1988), o desenvolvimento infantil é um processo caracterizado por conflitos, de origens endógenas e exógenas. Entende-se por origens endógenas, os conflitos originados pelo organismo da criança em função da maturação nervosa, já os conflitos de origem exógena são aqueles originados das interações das ações da criança com o meio ambiente.

Dessa forma, os estágios do desenvolvimento infantil apresentam características marcantes de cada uma das três dimensões, cognitiva, afetiva e motora, sendo que no Estágio Impulsivo Emocional, a predominância é notoriamente afetiva com ênfase nas emoções. No Estágio Sensório Motor e Projetivo, a predominância é essencialmente motora marcada pela necessidade de exploração do meio físico, entretanto com ênfase no desenvolvimento das funções simbólicas e no desenvolvimento da linguagem.

No Estágio do Personalismo, a formação da personalidade é o ponto marcante, pois a construção da consciência de si irá ocorrer por meio das interações sociais e a predominância nessa fase se volta para a dimensão afetiva. O Estágio categorial que se inicia aos 6 anos é marcado predominantemente para a dimensão cognitiva, pois os interesses da criança centram-se no conhecimento rumo a conquista do mundo exterior.

Nesse sentido, ao refletir sobre a aprendizagem e a afetividade, o presente estudo buscou demonstrar que o processo de aprendizagem da leitura e da escrita pautadas nos princípios do diálogo e da afetividade na relação pedagógica podem promover a aprendizagem de uma forma mais efetiva e consolidada, posto que a dimensão afetiva é intensa no Estágio do personalismo (3 a 6 anos) e a dimensão cognitiva preponderante no estágio Categorical (6 a 11 anos), exatamente a faixa etária em que os alunos do grupo experimental e do grupo de controle fazem parte.

Dessa forma a afetividade se torna um dos principais canais perceptivos pelo qual a criança vai aprender a conhecer, perceber, interagir e transformar, ou seja, a afetividade possibilitará o desenvolvimento das funções da aprendizagem que estão em processo de amadurecimento que posteriormente se tornarão mais consolidadas.

2 Metodologia

O estudo foi desenvolvido com 36 alunos dos Primeiros anos de uma escola da Rede Pública Estadual de Ensino da cidade de Itapetininga em São Paulo. Os alunos foram divididos por salas (grupos), sendo um grupo experimental e outro de controle. Na sala GE (Grupo Experimental), os 18 foram submetidos às atividades estabelecidas no programa Ler e Escrever, bem como as atividades do EMAI, porém numa perspectiva que promova a interação afetiva entre professor e aluno, criando um ambiente integrador e propício ao desenvolvimento das competências, habilidades e inteligências de cada um dos alunos, partindo dos pressupostos teóricos de Henry Wallon e Carl Roger.

Já na sala GC (Grupo Controle), os 17 alunos foram submetidos às mesmas atividades estabelecidas pela Secretaria Estadual de Educação, porém sem se ater a qualquer intervenção ou pressupostos teórico metodológico seja, apenas seguiram as orientações didáticas das atividades estabelecidas no currículo sob orientação e intervenção do professor.

Foi utilizado como instrumento de pesquisas, as listas de sondagem contendo palavras que faziam parte de um mesmo grupo semântico, bem como serem palavras que faziam parte do cotidiano dos alunos. No GE os alunos foram submetidos a sondagens mensais e no GC os alunos submetidos a sondagens bimestrais.

O presente estudo de caso está em sua fase inicial, ou seja, no início do processo de formação de vínculos. Nesse primeiro momento foram estabelecidas as formas de tratamento, bem como as regras básicas para uma boa convivência, iniciando com as coisas que incomodam, atitudes que desagradam e entristecem, bem como as atitudes que causam alegria e o porquê causam determinados sentimentos e sensações em cada um, tanto para aluno como para professor.

Os alunos tiveram amplo espaço para exporem opiniões e sentimentos em relação a tudo o que será trabalhado em sala de aula, tendo como regra básica não esconder o que se sente em relação a tudo que os rodeia e os atinge, sendo assim, os espaços foram organizados de maneira a facilitar a livre expressão dos sentimentos. Numa situação de ensino e aprendizagem, o diálogo é a peça fundamental para a efetivação das relações e a

afetividade o canal e fio condutor para a materialização e efetivação da aprendizagem da leitura e da escrita.

Para cada atividade proposta, o professor explicou sobre o objetivo de cada uma delas, bem como sua aplicabilidade prática. Durante essas atividades, a cada comportamento e reação da classe o professor deixava claro quais eram as situações e comportamentos que o incomodavam e o que esse incômodo acarretava em seu emocional. Dessa forma esclarecendo o que cada sentimento causava a ele como também promovendo espaço para o diálogo e exposição do ponto de vista de cada aluno.

Cada aluno teve espaço para se justificar ou se desculpar por suas ações ou comportamento inadequado, bem como liberdade para falar sobre suas dificuldades em cada uma das atividades. Em alguns momentos, as atividades eram suspensas sendo reiniciadas no dia posterior ou em um outro dia onde a paciência do professor e a receptividade em aprender por parte dos alunos estivessem na mesma sintonia.

3 Resultados e análise

O processo de sondagem ocorreu dentro dos mesmos moldes para ambos os grupos com a aplicação de uma lista de palavras pertencentes ao mesmo grupo semântico, geralmente de 5 a 6 palavras, onde as mesmas foram ditadas pelo professor aplicador, sendo que no GE, o professor aplicador coordenou duas sondagens e o professor da sala coordenou as outras duas. Durante as aplicações das sondagens, os alunos eram orientados a escreverem as palavras de acordo com o conhecimento e repertório que tinham, utilizando-se das letras que acreditavam serem as corretas.

Após a aplicação das sondagens, Os grupos GE e GC obtiveram os seguintes resultados:

Quadro 1- Quadro Comparativo Fases da escrita GE e GC

GRUPO EXPERIMENTAL					GRUPO CONTROLE	
Fases/Meses	FEV	MARÇ	ABRIL	MAIO	FEV	ABRIL
Pré Silábico	11	1	0	0	6	4
Silábico sem Valor	5	7	3	2	6	6
Silábico com Valor	1	4	8	7	1	5
Silábico Alfabético	0	5	2	1	0	1
Alfabético	1	1	5	8	1	1

Elaborado pela autora

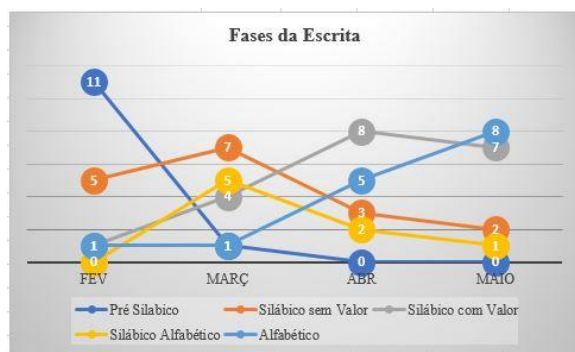
O GE iniciou o processo com 11 alunos na fase Pré silábica, ao passo que o GC iniciou com 6. No entanto ao final de fevereiro 10 dos 11 alunos evoluíram para a fase Silábico sem Valor no GE e apenas 2 alunos dos 6 no GC que estavam na fase inicial, evoluíram para a posterior ao final do mês de março, ou seja, enquanto 10 alunos do GE evoluíram em 30 dias, apenas 2 alunos do GC evoluíram em 60 dias.

Na fase Silábico sem Valor, o GE iniciou com 5 alunos e o GC com 6. Observa-se no Quadro I e no II as diferenças e evoluções, No GE os 5 alunos passaram para a fase seguinte, Silábico com Valor ao final de 30 dias e no GC apenas 2 evoluíram em 60 dias.

Nota-se que tanto no GE como no GC o número de alunos na fase Silábico Alfabético eram os mesmos, ou seja, nenhum aluno estava nessa fase, no entanto o GE ao final de um mês obteve 5 alunos que evoluíram das fases anteriores para silábico alfabético, ao passo que o GC ao final de dois meses teve 1 aluno com evolução.

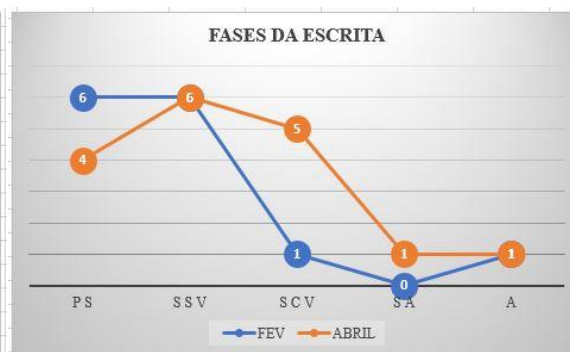
O quadro de evolução de cada aluno do GE e do GC pode ser verificado de forma mais clara nos gráficos 1, 2, 3 e 4 a seguir:

Gráfico 1 – Evolução Mensal do GE



Elaborado pela autora

Gráfico 2- Evolução bimestral do GC



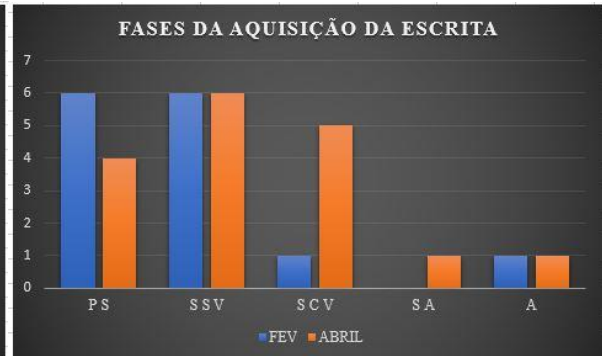
Elaborado pela autora

Gráfico 3 – Evolução mensal GE



Elaborado pela autora

Gráfico 4 - Evolução bimestral do GC



Elaborado pela autora

Gráfico 5 – Análise Comparativa entre GE e GC



Elaborado pela autora

De acordo com os quadros 1, 2 e os gráficos 1, 2, 3, e 4 criou-se o quadro 3 e contendo as porcentagens de alunos em cada uma das fases da aquisição da linguagem escrita e a porcentagem dos alunos que estão na zona de risco e na zona de conforto em ambos os grupos.

Para cada grupo tanto GE como GC, procedeu-se para valorar a porcentagem utilizando-se do número de alunos em cada fase, comparando-se com o número total de alunos em cada grupo, sendo que no GE o total de alunos submetidos às sondagens foram 18 e no GC 17 alunos no total. Dessa forma, utilizou-se da regra simples de 3, ou seja no GE 18 alunos equivalem 100% e no GC 17 Alunos equivalem a 100%.

Quadro 2 - Evolução das fases em porcentagem GE e GC

FASES DA AQUISIÇÃO DA ESCRITA		
FASES	G.E	G.C
Pré Silábico	0%	24%
Silábico sem valor	11%	35%
Silábico com valor	39%	29%
Silábico Alfabético	6%	6%
Alfabético	44%	6%

Elaborado pela autora

No quadro 3, de acordo com as sondagens o GE apresenta a situação atual tendo como referência o mês de maio e o GE a apresenta uma estimativa de maio para as fases de aquisição da linguagem escrita. Essa estimativa se deu em virtude das sondagens serem feitas bimestralmente no GC e mensalmente no GE.

De acordo com os quadros 1 e 2, constatou-se que a cada 2 meses, apenas 2 alunos que estão em fases distintas da aquisição da escrita apresentam evolução de uma fase para outra no GC, ao passo que no GE a evolução além de ser mensal, praticamente a totalidade dos alunos de uma fase evoluem para a fase subsequente. No GE, os alunos da fase Pré silábica que totalizavam 11 alunos zeraram, no entanto, 2 desses alunos estão na fase Silábico sem Valor Sonoro e os demais alunos estão distribuídos entre as fases Silábico com Valor Sonoro, Silábico Alfabético e Alfabético.

O quadro 3 a seguir apresenta a porcentagem dos alunos considerados na zona de risco e zona de conforto. Considera-se zona de risco, os alunos que estão nas fases do período Pré Silábico e Silábico sem Valor Sonoro

Quadro 3 - Zonas de Risco e Zona de Conforto em porcentagem

Zona/Grupo	G.E	G.C
RISCO	11%	59%
CONFORTO	89%	41%

Elaborado pela autora

De acordo com o quadro 3, 11% dos alunos do GE estão na zona de risco, sendo essa porcentagem equivalente a 2 alunos do total de 18. Embora estejam na zona de risco, eles estão na Fase Silábico sem valor sonoro. Em síntese, esses 2 alunos reconhecem

que as palavras são compostas exclusivamente por letras, porém sem fazer a correlação grafema/fonema, estando sujeitos a evoluírem para a fase seguinte de forma natural ou mais lenta que o esperado.

Os alunos do GC perfazem um total de 59% em zona de risco. Estando distribuídos em 24% ainda Pré Silábicos e 35% Silábicos sem valor sonoro. Em números, de acordo com o quadro 2, do total de 17 alunos, 4 permanecem estacionados na fase inicial, Pré Silábico e 6 alunos Silábicos sem valor sonoro, ou seja, 10 alunos equivalentes a 59% do total de 17 se encontram na zona de risco e apenas 42% dos alunos estão na zona de conforto.

Ressalta-se que no GC, os 7 alunos equivalentes a 41% que estão na zona de conforto, de acordo com o quadro 3, 29% são silábicos com valor sonoro, 6% silábicos alfabéticos e 6% alfabéticos, que, em números representam 5 alunos silábicos com valor sonoro, 1 aluno silábico alfabético e 1 aluno alfabético.

3 Conclusões

O presente estudo de caso buscou demonstrar por meio de pesquisa experimental que a afetividade é um dos principais canais de efetivação da aprendizagem da leitura e da escrita, principalmente em se tratando das séries iniciais do Ensino Básico, especificamente com crianças do 1º ano, em virtude das mesmas pertencerem a faixa etária dos 5 aos 7 anos de idade. De acordo com os princípios da psicologia Walloniana, a faixa etária a qual os alunos pertencem, existe uma predominância da dimensão afetiva na aprendizagem das crianças dos 3 aos 6 anos de idade, com evolução e predominância da dimensão cognitiva a partir dos 7 anos de idade.

De acordo com as sondagens feitas com os grupos de alunos demonstrados nos quadros 1, 2, 3 e gráficos 1, 2, 3, 4 e 5, constatou-se que o Grupo Experimental em que a variável Afetividade de acordo com os pressupostos Wallonianos foram aplicadas obteve um avanço superior em relação à evolução das fases de aquisição da linguagem escrita em detrimento do Grupo Controle que foi exposto às mesmas atividades e condições.

O quadro 1, evidencia a evolução mensal do Grupo Experimental, demonstrando que a mesma foi superior à evolução bimestral do Grupo Controle. Observa-se que o número de alunos Pré Silábicos iniciou com 11 no GE e com 6 no GC no mês de fevereiro, entretanto esse número zerou no mês de abril no GE e permaneceu com 4 no GC.

Constata-se também que o número de alunos Alfabéticos no mês de fevereiro era exatamente de 1 aluno em ambos os grupos, no entanto no mês de abril ele evoluiu para 5 no GE e manteve-se em 1 no GC. No mês de maio evoluiu para 8 no GE e estima-se que evolua para 2 ou 3 no mês de junho no GC.

Segundo os dados do presente estudo de caso, ficou evidenciado que a afetividade de acordo com os pressupostos teóricos aqui expostos foram o diferencial para a evolução da aprendizagem dos alunos do Grupo Experimental, pois ambos os grupos foram submetidos às mesmas atividades e avaliações.

Referências Bibliográficas:

GORDON, Thomas. T.E.T., Teacher Effectiveness Training. Random House: New York, 2005

MAHONEY, Abigail Alvarenga. & ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. A Constituição da Pessoa na Proposta de Henri Wallon. Edições Loyola: São Paulo. Brasil, 2004

Rogers, Carl. A pessoa como centro. Editora Ícone: São Paulo, 1988.

WALLON, Henri. As Origens do caráter na criança. Paris, PUF, 1987.

_____. Origens do pensamento na criança. São Paulo, Manieie, 1989.

_____. Psicologia e educação da infância. Lisboa, Editorial Estampa, 1975 (Coletânea).